

## Compreendendo a autopercepção de saúde por usuários de drogas

**KARINE LANGMANTEL SILVEIRA<sup>1</sup>; MAITÉ LEMES CURTINAZ<sup>2</sup>; POLIANA FARIAS ALVES<sup>3</sup>; MANUELLA DOS SANTOS GARCIA VANTI CARVALHO<sup>4</sup>; SAVANNAH LIETZ CARVALHO<sup>5</sup>; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA<sup>6</sup>,**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– [kaa\\_langmantel@hotmail.com](mailto:kaa_langmantel@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas– [maitelm2011@hotmail.com](mailto:maitelm2011@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas– [polibrina@hotmail.com](mailto:polibrina@hotmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas - [manuellagc@hotmail.com](mailto:manuellagc@hotmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas - [savannahleitzke@gmail.com](mailto:savannahleitzke@gmail.com)

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas [mandagara@hotmail.com](mailto:mandagara@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O problema do uso abusivo de drogas precisa ser devidamente conhecido para que de fato se possa propor uma atenção de qualidade aos usuários, que muitas vezes vivem as margens dos próprios serviços de saúde.

Ao se observar os problemas que a dependência química produz às esferas afetivas, educativas, produtivas, econômicas, saúde e relações sociais, nota-se que a dependência química não é um problema isolado ou individual. A partir da amplitude que a drogadição representa para uma sociedade, ela torna-se objeto de políticas públicas que visam diminuir, inibir e/ou prevenir as causas do problema (SOUZA, KANTORKI, 2007).

Duailibi, Ribeiro e Laranjeira (2008) afirmam que 2,3% da população brasileira consomem ou já consumiram cocaína, enquanto que o percentual referente ao crack é inferior a 1%. Esses autores afirmam que mesmo sendo relativamente pequena a parcela dos brasileiros que utiliza essas drogas, ela representa um importante fator de risco para a transmissão da AIDS e de outras doenças, pois os usuários, em geral, apresentam grande número de parceiros sexuais, praticam sexo sem proteção e mantêm relações sexuais em troca de drogas ou de dinheiro para adquiri-las.

Autores como Minayo e Deslandes (1998) ressaltam a importância de considerar a diferença entre dependência, uso controlado e abusivo, podendo isso levar ao erro de apontar todo e qualquer usuário como um dependente potencial. Sendo assim, o desafio da saúde pública é mais que se preocupar apenas com o uso abusivo de drogas, é também de incluir trabalhar contra fatores de risco que podem diminuir a qualidade de vida dos usuários e também conseguir um quadro referencial para o desenvolvimento de ações que incluam ao mesmo tempo o campo individual, o social e o ecológico.

Já em relação à autopercepção de saúde, que se caracteriza por ser uma avaliação subjetiva que combina aspectos físicos, psicológicos e sociais segundo Szwarcwald (2005), a mesma seria um forte indicador, já que o estado de bem estar de um indivíduo pode influenciar na sua qualidade de vida (LEITE, 2012).

Deste modo, este trabalho tem como objetivo identificar a presença de problemas de saúde em usuários de crack e outras drogas, bem como analisar a auto-percepção dos usuários a respeito de sua saúde.

### 2. METODOLOGIA

Este estudo é um recorte quantitativo do projeto de pesquisa “Perfil dos Usuários de Crack e Padrões de Uso”. O projeto maior teve como objetivo caracterizar o perfil dos usuários de crack e padrões de uso. Para a coleta de

dados utilizou-se um questionário estruturado, a qual ocorreu entre outubro de 2011 a outubro de 2012 em dois campos distintos, no CAPS AD de Pelotas, e com a Equipe de Redução de Danos. A amostra total foi de 678 usuários entrevistados, destes 503 válidos e 175 recusas. Este estudo foi aprovado pelo CNPQ sob o edital 41/2010 e pelo Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem Universidade Federal de Pelotas.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para o presente estudo foram utilizadas duas perguntas do questionário do projeto de pesquisa. A primeira questionava se o usuário apresentava algum problema de saúde, com duas opções de escolha, sim ou não. Já a segunda se referia sobre a auto percepção do usuário em relação a sua saúde, tendo cinco alternativas como resposta: muito bem; bem; regular; mal; muito mal.

Dos 503 questionários válidos, os dados mostraram que em relação a ter problemas de saúde, encontrou-se que  $n= 319$  (63,67%) dos usuários referiram não possuir nenhum problema de saúde e  $n= 182$  (36,33%) dos usuários referiram sim ter algum problema de saúde. Já em relação à auto percepção de saúde  $n= 364$  (72,36%) usuários referiram se sentir bem ou muito bem, já  $n= 139$  (27,63%) usuários relataram se sentir regular, mal ou muito mal.

Os resultados apontam para uma grande maioria de usuários que relatam se sentirem bem ou muito bem, chamando a atenção para uma parcela de entrevistados  $n= 43$  (8,54%) que mesmo sendo usuários de droga e tendo apontado algum problema de saúde referiram se sentir bem ou muito bem. Isto nos leva a observar que dentro deste grupo de estudo o conceito de saúde, ou de bem estar se apresenta ampliado, claramente explicado pelo conceito da determinação social da saúde.

De acordo com Scliar (2007), o conceito de saúde contempla diversas circunstâncias como a situação social, econômica, política e cultural, entendendo-se assim que a saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas sendo diretamente dependente de fatores individuais e subjetivos. Desta forma, Leite (2012), ressalta a importância da subjetividade do indivíduo nas questões relacionadas à saúde, a sua condição, a sua história e o vivido do sujeito, por que o que um sujeito considera e reconhece como saúde e bem estar para si, não necessariamente será vivido e percebido por outras pessoas que vivem em contextos e situações sociais diferentes.

Outro ponto importante apresentado nos resultados é o fato de que alguns sujeitos, mesmo assumindo ter algum problema de saúde, ainda faz uso contínuo de drogas. Para compreensão, Leite (2012) também ressalta que o uso de drogas seria até a maneira que estes usuários encontram para atingirem o seu bem estar físico, psíquico e até mesmo social sendo uma vez que em seu estudo, os usuários referiram ser o crack um remédio, uma forma de aliviar dores, melhorar humor e curar depressão e isso não deixa de ser uma forma de autopercepção de saúde, dado que para estes usuários, não usar o crack ou outras drogas é que os fazem se sentirem doentes.

### **4. CONCLUSÕES**

Por fim, pode-se concluir que a autopercepção de saúde varia de acordo com vários fatores como o contexto social em que o indivíduo está inserido, fatores econômicos, culturais, individuais e subjetivos de cada indivíduo etc. No

caso dos usuários de drogas, há a necessidade de compreender o significado que a droga tem pra ele e para sua saúde. Assim, o que mais se percebe como primordial é o reconhecimento e a percepção de que indivíduos usuários de drogas têm uma avaliação sobre a sua situação de saúde e sua qualidade de vida. A partir desta compreensão, principalmente pelos serviços de saúde e de seus profissionais entende-se que poderá haver o favorecimento das práticas de saúde baseadas em um cuidado integral, o qual resultará em maior adesão a tratamentos e conseqüente melhora na qualidade de vida e enfrentamento da dependência.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUALIBI, L. B.; RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. **Perfil dos usuários de cocaína e crack no Brasil**. Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD) – Depto de Psiquiatria – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2008.

LEITE, S.C.; Autopercepção de saúde sob a ótica do usuário de crack. Trabalho de Conclusão de curso. Faculdade de Enfermagem. Universidade federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

MINAYO, M. C. S & DESLANDES, S. F. Drogas, álcool e violência. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 14(1):35-42, jan-mar, 1998.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SOUZA, J; KANTORSKI, LP. Embasamento político das concepções e práticas referentes às drogas no Brasil. SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool e drogas**. (Ed. Port.) Ribeirão Preto, vol. 3, nº 2, 2007.

SZWARCWALD, C. L. ; JUNIOR, P.R.B.S. ; ESTEVES, M.A.P. ; DAMACENA, G.N. ; VIACAVAL, F. Determinantes sócio-demográficos da auto-avaliação da saúde no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v.21, n.1, p. S54-S64, 2005.